

Nação peruana segundo Clorinda Matto de Turner: ambigüidades e contradições

Lina Arao

Introdução

O século XIX caracterizou-se como um período decisivo e bastante rico em acontecimentos históricos e sociais na América Hispânica, sendo marcado especialmente pela emancipação das colônias e pela consolidação dos novos Estados Nacionais. Recém-independentes, as novas nações tiveram que se estruturar política e economicamente (o que, de fato, gerou intensos conflitos entre conservadores e liberais), buscando forjar, mais do que isso, uma identidade que as diferenciasse da antiga metrópole e que, ao mesmo tempo, pudesse harmonizar e incorporar sua heterogeneidade étnica e cultural.

Segundo Doris Sommer, durante esse período de consolidação dos países hispano-americanos, política e literatura estavam intrinsecamente relacionadas; muitos governantes da América Hispânica eram também literatos, que “foram encorajados tanto pela necessidade de preencher uma história que ajudaria a dar legitimidade à nação emergente quanto pela oportunidade de direcionar aquela história para um futuro ideal”¹. Para a maioria dos escritores hispano-americanos do século XIX, portanto, a literatura possuía como uma de suas funções a de buscar intervir na política que estava ainda organizando os rumos dos novos Estados.

A partir dos romances nacionais, foram se engendrando alegorias de nação, projetando imagens ideais que a conformariam de acordo com as ideologias de cada autor. Daí o caráter “artificial” do conceito de nação sobre o qual adverte Benedict

¹ SOMMER, D. (2004) p. 22.

Anderson quando a descreve em sua qualidade de “comunidade imaginada”. Essa artificialidade não deve ser vista em um sentido negativo, mas como criação mesmo de uma miríade de elementos que formariam cada uma das nações. Segundo Anderson, a comunidade é imaginada porque seus habitantes têm a idéia de pertencerem a ela apesar de não se conhecerem entre si². É essa noção de pertencimento que se conforma a partir de uma série de fatores - como uma literatura que a represente, lendas, histórias, símbolos nacionais – que une esses cidadãos e os faz reconhecer determinada nação como sua pátria.

Nesta comunicação, nos interessa especialmente o caso do Peru; investigaremos a trajetória de Clorinda Matto de Turner, intelectual que bastante contribuiu nesse processo histórico de construção de imagens referentes à nação. A produção literária e jornalística de Clorinda ilustra bem a posição de uma escritora preocupada em denunciar os caminhos tortuosos e equivocados que tomavam os políticos de sua época, ao mesmo tempo em que construía uma imagem particular de como deveria ser o país ideal. Em *Aves sin nido*, publicado em 1889, coloca-se em questão, sobretudo, o destino da população indígena peruana: de que maneira poder-se-ia incluí-los igualmente na sociedade peruana? Qual seria a solução para o “atraso” econômico e social do país?

A nação peruana em *Aves sin nido*

A nação peruana que Clorinda idealizava e que almejava retratar em sua “realidade” de costumes era aquela típica do século XIX na Hispano-América, cindida por duas grandes ideologias que implantavam suas bases em dois espaços distintos – o campo (as pequenas cidades peruanas) e a cidade (a capital). O período pós-independência peruana foi marcado pelo caos político e pela decadência econômica:

² Cf. ANDERSON, B. (2008) pp.31-34.

houve uma rotatividade imensa de presidentes, além da crise comercial e da agricultura. Sem uma burguesia forte e um centro político atuante, os chamados *caudillos*, normalmente grandes fazendeiros, tomaram a incumbência de manter um forte poderio local. No plano ideológico, essa intrincada luta pela supremacia e trabalhosas alianças políticas se convertiam nas discussões e querelas entre conservadores e liberais. Os liberais estavam mais relacionados a uma burguesia urbana limenha e intelectual, cuja linha de pensamento seguia os preceitos do Iluminismo e havia tomado inspiração na Revolução Francesa e na Independência dos Estados Unidos. Tendiam à defesa dos princípios da soberania popular, dos direitos do indivíduo e, sobretudo, da liberdade diante do autoritarismo de origem colonial que permanecia com o governo dos *caudillos* no recém-independente Peru. A síntese escrita por José Luis Romero das distintas posições de liberais e conservadores é bastante elucidativa:

Problemas econômicos e sociais, como os dos monopólios, como o dos impostos ou da política com respeito às classes trabalhadoras de origem índia ou negra, polarizavam drasticamente as opiniões. Problemas políticos como o do federalismo, por oposição ao centralismo; ou problemas difusos que abarcam um vasto espectro de preocupações, como o papel da Igreja ou o controle da educação pública dividiam os dois bandos – conservadores e liberais – no momento de discutir as instituições que cada república se daria.³

Entretanto, é preciso assinalar que no que concerne à classe trabalhadora, formada por índios e negros, houve um relaxamento dessa ideologia liberalista: a despeito da teoria da igualdade para todos pregada pelos que se consideravam liberais, por muito tempo os impostos e taxas que os trabalhadores pagavam durante o período colonial continuaram a existir na república.

³ ROMERO, J.L. (1981) pp.149-150. “Problemas económicos y sociales, como los de los monopolios, como el de los impuestos o el de la política con respecto a las clases trabajadoras de origen indio o negro, polarizaban drásticamente las opiniones. Problemas políticos como el del federalismo, por oposición al centralismo; o problemas difusos que abarcan un vasto espectro de preocupaciones, como el papel de la Iglesia o el control de la educación pública dividían a los dos bandos – conservadores y liberales – en el momento de discutir las instituciones que cada república se daría.”

Em *Aves sin nido*, o conservadorismo representava-se pelo governador Pancorbo, pelo juiz Verdejo e pelo cura Pascual, além dos comerciantes de lã. Todos eles faziam perdurar em Kíllac, símbolo máximo das pequenas cidades da serra andina, o sistema conservador quase feudal que utilizava as antigas formas de exploração dos índios (*mita, reparto antelado*), somando à sua imagem aquela dos *caudillos*, representantes do poder local, que arrastavam consigo as características da “velha” época colonial. No extremo oposto, estavam os forasteiros Fernando e Lucía Marín, cujas idéias progressistas e liberais (tão em voga no momento em que a autora peruana escreveu seu livro) e sua fina educação formal, adquirida fora dos limites de cidadezinhas como Kíllac, eram os fatores que especialmente os distinguiam dos outros personagens do romance. A chave, portanto, que poderia levar o Peru, de forma geral, da barbárie à civilização seria a educação. Pancorbo, Pascual e Verdejo destacam-se pela ausência de qualquer tipo de educação formal: o primeiro “recibió instrucción primaria tan elemental como lo permitieron los tres años que estuvo en una escuela de ciudad”⁴; o padre “inspiraba dudas de que, en el Seminario, hubiese cursado y aprendido Teología ni Latín”⁵; finalmente, o juiz mal sabia pronunciar corretamente as palavras. Já Manuel, filho de Petronila, criado por Pancorbo, embora fosse nascido em Kíllac, estudara em Lima, obtendo, portanto, a civilização que lhe era necessária para que fizesse parte do lado dos personagens positivos da trama.

A barbárie dos setores dominantes de Kíllac torna-se mais evidente quando eles resolvem acabar com a incômoda interferência do casal Marín em defesa da família Yupanqui tramando o assassinato dos estrangeiros: “De una vez por todas debemos poner remedio a esas malas enseñanzas; es preciso botar de aquí a todo forastero que

⁴ MATTO DE TURNER, C. (2006) p. 106. “(...) recebeu a instrução primária tão elementar quanto lhe permitiram os três anos que estive em uma escola da cidade”.

⁵ Ibidem, p. 105. “(...) inspirava dúvidas de que, no Seminário, tivesse cursado e aprendido Teologia ou Latim (...)”.

venga sin deseos de apoyar nuestras costumbres; porque nosotros somos hijos del pueblo”⁶. Nesse excerto, verifica-se a ojeriza aos que trazem outro ensinamento, ou seja, a educação que questiona os costumes arraigados desses povoados peruanos. Assinala-se, veementemente, o fato de constituírem parte de um espaço, Kíllac, onde tudo funciona de acordo com os seus preceitos. O espaço/tempo da barbárie ou da civilização, em *Aves sin nido*, conforma-se a partir da imagem dos vilarejos contraposta à da capital. A descrição de Kíllac segue um estilo romântico no que se refere à sua beleza natural: “El plano alegre rodeado de huertos, regado por acequias que conducen aguas murmuradoras y cristalinas; las cultivadas pampas que le circundan y el río que le baña; hacen de Kíllac una mansión harto poética”⁷. Em um primeiro momento, o leitor, deprendendo do romantismo e da tranqüilidade do lugar, não poderia imaginar a natureza dos que nele habitam. Em Kíllac, instalam-se os setores retrógrados da nação peruana, os que carecem de instrução e que fragmentam o país com sua política conservadora e depredatória com respeito aos índios:

Juzgamos que sólo es variante de aquel salvajismo lo que ocurre en Kíllac, como en todos los pequeños pueblos del interior del Perú, donde la carencia de escuelas, la falta de buena fe en los párrocos, y la depravación manifiesta de los pocos que comercian con la ignorancia y la consiguiente sumisión de las masas, aleja, cada día más, a aquellos pueblos de la verdadera civilización, que, cimentada agregaría al país secciones importantes con elementos tendentes a su mayor engrandecimiento.⁸

Através da comparação e contraposição dessas duas imagens de Kíllac – a imagem bucólica da composição física e a imagem do seu povo -, Matto de Turner parece referir-se à potencialidade da compleição físico-geográfica do Peru como provedora de

⁶ MATTO DE TURNER, C. (2006) p. 118. “De uma vez por todas, devemos pôr fim a esses maus ensinamentos; é preciso expulsar daqui todo forasteiro que venha sem desejos de apoiar nossos costumes; porque nós somos filhos do povoado.”

⁷ Ibidem, p.98. “O plano alegre rodeado de hortas, regado por canais que conduzem águas murmuradoras e cristalinas; os cultivados pampas que o circundam e o rio que o banha; fazem de Kíllac um lugar fartamente poético”.

⁸ Ibid, p. 122. “Julgamos que somente é variante daquela selvageria o que ocorre em Kíllac, como em todos os pequenos povoados do interior do Peru, onde a carência de escolas, a falta de boa fé nos párrocos, e a depravação manifesta dos poucos que comerciam com a ignorância e a conseqüente submissão das massas, distancia, cada dia mais, a aqueles povoados da verdadeira civilização, que, cimentada agregaria ao país seções importantes com elementos tendentes ao seu maior engrandecimento”.

riquezas que podem trabalhar para o progresso do país em oposição ao uso que fazem dessa terra.

Lima, por outro lado, romanticamente idealizada, simboliza as luzes de toda a civilização e progresso, lugar onde todos os peruanos deveriam ser educados: “Viajar a Lima es llegar a la antesala del cielo, y ver de ahí el trono de la Gloria y de la Fortuna. Dicen que nuestra bella capital es la ciudad de las Hadas [...]”⁹. Lima, cidade europeizada, constitui o centro irradiador da boa educação e bons costumes. É para Lima que o casal Marín resolve transferir-se com as suas filhas adotivas, Margarita e Rosalía (as órfãs dos índios Marcela e Juan Yupanqui), após o malogro de suas tentativas de “salvar os indígenas” da exploração dos notáveis de Kíllac. Fernando, temendo mais um ataque à sua casa, decide que a melhor solução é levar sua família à capital: a barbárie da vila acaba por esmagar e expulsar os forasteiros que tentavam levar-lhe a civilização – a carência de instituições de ensino nas cidades interioranas as degeneravam sem possibilidade de mudança. É interessante, nesse contexto, o fato de que o modo de transporte que leva os Marín à capital é o trem, que, conforme Bradford Burns, era uma “manifestação material do ‘progresso’”¹⁰, reconhecido como marca de civilização. O caminho ao idealizado centro urbano só poderia ser intermediado por outro símbolo do progresso e da incipiente tentativa de modernização do país, o que reaviva os contrastes entre os dois “cronotopos”: as vilas serranas presas a um passado arcaico e bárbaro e as grandes cidades que “evoluíam” rumo à modernização e ao progresso¹¹.

⁹ MATTO DE TURNER, C. (2006) p. 184. “Viajar a Lima é chegar à ante-sala do céu, e ver dali o trono da Glória e da Fortuna. Dizem que nossa bela capital é a cidade das Fadas [...]”

¹⁰ BURNS, E. B. (1979) p.18. “[...] material manifestations of the ‘progress’ [...]”

¹¹ De acordo com Bradford Burns, o filósofo Spencer, muito em voga na América Latina do século XIX, afirmava que o progresso significava uma marcha rumo à perfeição e à mais completa felicidade (BURNS, 1979, p.15). Essas teorias oriundas da Europa influenciaram muito, portanto, na construção do ideal de progresso que deveriam atingir as nações hispano-americanas para que pudessem inserir-se no cenário internacional econômico de maneira efetiva e produtiva.

A civilização representada pelos Marín não resistiu à barbárie dos governantes de Kíllac, mas Fernando e Lucía lograram contribuir para a “raça indígena” ao levar Margarita e Rosalía a Lima, onde poderiam receber educação e abandonar sua condição de “*aves sin nido*”, órfãs sem futuro em uma vila serrana: “Oh, sí, Lima. Allí se educa el corazón y se instruye la inteligencia; y luego, creo que Margarita, en un par de años hallará un buen esposo¹².” O ensino formal, em *Aves sin nido*, seria, então, o caminho para a civilidade, não somente para os bárbaros senhores de Kíllac, mas também para a salvação dos índios. Somente por essa via eles poderiam ser inseridos na sociedade peruana de forma igualitária. Tal igualdade entre todos os homens almejada por Clorinda revela também um outro tipo de homogeneização – a cultural -, onde não haveria espaço para outros costumes ou outras mentalidades que não fossem as européias. A possibilidade de Margarita e Rosalía não permanecerem como *aves sin nido* é oferecida pelos Marín quando as conduzem à civilização através da educação em Lima. Essa educação, a europeizada, depende do esquecimento de uma vida e uma cultura passadas, quebrando-lhes o vínculo com as origens indígenas. É interessante notar que a mestiça Margarita é quem se torna mais proeminente na trama; sua irmã, Rosalía, índia (ela é filha de Juan e Marcela, enquanto que o pai de Margarita é o cura Miranda y Claros), mal aparece ao longo do romance: Margarita é exaltada por sua beleza, que desperta o amor do jovem Manuel, e é sobre Margarita, principalmente, que se fala quando Fernando e Lucía pensam sobre os benefícios da educação em Lima. Margarita, portanto, acaba servindo como modelo tanto da aculturação quanto do processo de embranquecimento da população peruana¹³.

¹² MATTO DE TURNER, C. (2006) p. 184. “Ah sim, Lima. Ali se educa o coração e se instrui a inteligência; e logo, creio que Margarita, em um par de anos encontrará um bom esposo.”

¹³ O incentivo à imigração européia para os países latino-americanos foi uma política bastante utilizada durante o século XIX, haja vista o exemplo da Argentina. Acreditava-se que o embranquecimento da população auxiliaria no processo de busca da civilização e do progresso.

Sem essa providencial ajuda do casal Marín, a depender dos próprios índios, não haveria remédio para a exploração e espoliação que sofriam:

¡Ah! Plegue a Dios que algún día, ejercitando su bondad, decrete la extinción de la raza indígena, que después de haber ostentado la grandeza imperial, bebe el lodo del oprobio. ¡Plegue a Dios la extinción, ya que no es posible que recupere su dignidad, ni ejercite sus derechos!¹⁴

Esse excerto, inscrito logo no terceiro capítulo do romance, desvela uma total descrença do narrador onisciente na possibilidade de um futuro esperançoso para os índios após a queda do Império Inca, de modo que, sem o auxílio dos forasteiros, a salvação seria impossível. Tal pessimismo quanto à capacidade indígena de reverter sua própria vida destaca, no desenrolar da trama, a importância crucial da interferência dos ideais civilizadores e educativos dos setores liberais e progressistas da nação. Daí que se existe uma perspectiva positiva na representação dos indígenas diante da barbárie dos governantes de Kíllac, assinala-se também a submissão deles frente a uma outra classe peruana (intelectual e atuante, que, no cenário político do século XIX, disputava o poder com aquela considerada retrógrada e conservadora, representada pelos notáveis de Kíllac). Os índios são representados como objetos da história, que necessitam de outros para mudar o curso de suas próprias existências: se Margarita e Rosalía são socorridas, os demais indígenas, os que permanecem em Kíllac, desaparecem do romance, como se suas histórias, enredadas em um tempo e um lugar distantes, tivessem também desaparecido ou estacionado na mesma situação que Fernando e Lucía encontraram quando chegaram àquela vila.

Considerações finais

Distintas “soluções” e modelos foram imaginados e edificados para tentar dar conta da conflituosa e heterogênea sociedade peruana, na qual a existência inolvidável

¹⁴ MATTO DE TURNER, C. (2006) p. 103. “Ah! Tomara que Deus, algum dia, exercitando sua bondade, decrete a extinção da raça indígena, que depois de haver ostentado a grandeza imperial, bebe o lodo do opróbrio. Tomara que Deus decrete a extinção, já que não é possível que recupere sua dignidade, nem que exercite seus direitos!”

das diferenças étnicas e culturais marcou e preocupou os intelectuais desde a conquista das Américas, mas, sobretudo, durante o período de consolidação da nação peruana no século XIX. Clorinda Matto de Turner participou ativamente dessas discussões através de sua produção jornalística e literária, procurando “proteger” os índios, destacando a “barbárie” que, para ela, caracterizava muito mais os representantes da oligarquia conservadora do que os indígenas, as mais comuns vítimas de tal conceito. Apesar de sua simpatia com relação aos índios, a nação imaginada por ela, em *Aves sin nido*, mostrava-se idealmente homogênea, em que a pluralidade cultural e até mesmo étnica acabava aniquilando-se pela educação formal, compreendida como o único caminho possível rumo à civilidade e ao progresso, aos moldes do argentino Sarmiento, já que privilegiava um modelo cultural europeu.

Assim, a partir desta análise sucinta, limitada pelo escasso tempo concedido à comunicação, pudemos entrever que *Aves sin nido* se inscreveu no entrecruzamento entre política e literatura, em que um servia de instrumento ao outro para a projeção de utopias e para a tentativa de construção de uma identidade nacional que pudesse caracterizar o país como um todo, uma vez que ele se apresentava rompido por diferenciados e conflitantes elementos culturais.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BURNS, E. Bradford. *Cultures in Conflict: The Implications of Modernization in Nineteenth-Century Latin America*. In: BERNHARD, Virginia (Ed.) *Elites, Masses, and Modernization in Latin America, 1850-1930*. Austin: University of Texas Press, 1979.

MATTO DE TURNER, Clorinda. *Aves sin nido*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, D.L., 2006.

ROMERO, José Luis. *Situaciones e ideologías en Latinoamérica*. México: Universidad Autónoma de México, 1981.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.